

13-May-2013



O Observatório de Interações Planta-Medicamento (OIMP/FFUC) lança hoje uma campanha para sensibilizar a população dos riscos que corre ao consumir medicamentos com produtos naturais, como chás, suplementos ou até alimentos, combinações que nalguns casos podem conduzir à morte.

«É fundamental que o consumidor conheça os vários tipos de produtos disponíveis no mercado, o que contêm, para que servem, e o risco que pode correr quando os consome», disse à agência "Lusa" a coordenadora do Observatório, da Universidade de Coimbra, que estuda as interações planta-medicamento «mais frequentes e preocupantes» que ocorrem em Portugal para ajudar a preveni-las.

A leitura dos rótulos é essencial: «Se o produto estiver dentro da lei» dispõe a informação necessária para ajudar o consumidor a não correr riscos, explicou Maria da Graça Campos.

O aumento do número de relatos de casos, incluindo mortes, em que surgiram estas interações tem acompanhado o recente crescimento do consumo destes produtos.

«Muitos destes produtos são vendidos para uso terapêutico como se fossem suplementos alimentares, o que é absolutamente aberrante dado que não suplementam nada e ainda podem colocar em risco a vida dos doentes», alertou.

Nos últimos 15 anos, «a expansão no consumo» destes produtos sofreu «um enorme incremento», alegando-se os benefícios da medicina tradicional.

«A verdade é que se criou um negócio bilionário à volta desta ideia, que foge ao controlo rigoroso de eficácia e segurança», criticou a investigadora, afirmando que é preciso combater o mito de que «os produtos naturais não fazem mal».

Convencidas de que o que é «natural é bom», as pessoas «compram indiscriminadamente» tudo o que lhes propõem.

«Enquanto não houve internet, a ciência estava razoavelmente controlada e a investigação de plantas com elevado potencial terapêutico pertencia apenas a quem dominava esses conteúdos. Hoje, qualquer pessoa acede às bases de dados mundiais e encontra milhões de artigos a referirem esta ou aquela planta com potencial para poder vir a ser desenvolvido um novo medicamento», advertiu.

Contudo, não sabem que os constituintes ativos da planta induzem mais efeitos indesejáveis do que possíveis benefícios.

«O que o público não sabe é que a eficácia [destes produtos], na maior parte das vezes, não foi provada, que o controlo de qualidade é nulo e que, por vezes, vêm adicionados de medicamentos contrafeitos, que podem ainda vir contaminados com substâncias altamente tóxicas», alertou Graça Campos.

Tal como noutros países, existe em Portugal «uma indústria paralela profícua que prescreve ervinhas (em comprimidos ou não) para tratar doentes seja qual for a doença» a preços elevados, disse Graça Campos.

A investigadora deu exemplos de plantas que interagem com os medicamentos, como as fibras da alimentação, ou suplementos que as contenham em grande quantidade, que podem diminuir a absorção de alguns fármacos, como os antidiabéticos orais.

Também o chá verde, o guaraná ou a erva-mate, que possuem uma grande quantidade de cafeína, estimulante do sistema nervoso central, estão contraindicados em casos de hipertensão e perturbações de ansiedade.

«Quem estiver a tomar, por exemplo, ansiolíticos e/ou antidepressivos pode vir a ter um efeito oposto», advertiu.

Doentes com hipertensão, se tomarem com a medicação outros vasodilatadores como o Ginkgo ou folhas de oliveira podem sofrer quebras bruscas de pressão arterial e desmaios.

Estas e outras interações serão explicadas ao longo de cinco semanas nos Media, através desta campanha, que tem quatro públicos-alvo: os doentes polimedicados, a população saudável que usa suplementos, os adolescentes/drogas/smart drugs e os doentes oncológicos.

### **Doentes oncológicos podem comprometer tratamento ao usar produtos naturais**

A coordenadora do Observatório de Interações Planta-Medicamento alerta que os doentes oncológicos são os que apresentam os casos «mais graves» resultantes da toma de medicamentos conjugada com "produtos naturais", que podem comprometer o tratamento e ameaçar a vida do paciente.

A «fragilidade e o desespero» em que o doente e a família se encontram torna-os mais vulneráveis a «uma promessa de cura milagrosa, sem efeitos adversos», diz Maria da Graça Campos, docente da Faculdade de Farmácia da Universidade de Coimbra.

«Os doentes oncológicos são os mais bombardeados com produtos mais bioativos, que normalmente são mais tóxicos», refere a investigadora à agência "Lusa", acrescentando que têm sido registados «muitos casos graves em Portugal, e noutros países do mundo», devido à interação destes produtos com medicamentos.

São produtos compostos por substâncias ativas que visam três objetivos: desintoxicar, tratar o processo tumoral e acalmar os doentes. No entanto, a investigadora adverte que, além de não lhes tratar o processo tumoral, estes produtos «comprometem muitas vezes» os tratamentos e, em algumas situações, podem pôr em risco a vida do doente.

Segundo o Observatório - criado há dois anos para estudar as interações entre as plantas e os medicamentos «mais frequentes e preocupantes» que ocorrem em Portugal -, as plantas que são vendidas a «preços exorbitantes», no «mercado paralelo, e que visam a cura do cancro contêm substâncias químicas tão ou mais tóxicas do que as que são usadas em quimioterapia».

Quando consumidas em simultâneo podem causar graves danos na saúde do doente, alerta a especialista, dando como exemplos o aloés, a alcachofra e a erva de São João, conhecida também por hipericão.

«É importante que esta população tome consciência dos riscos a que é exposta quando faz esta terapia associada», sublinha a investigadora.

Maria da Graça Campos refere que, muitas vezes, os doentes não contam ao médico que estão a fazer esta medicação em paralelo com o tratamento.

«Algumas vezes porque têm receio da reação do clínico que o está acompanhar, mas outras vezes também são um pouco induzidos por quem lhes recomenda essas tomas», explica.

Na maioria das vezes, dizem-lhe que o produto não interfere com o tratamento que estão a fazer, como a quimioterapia. «Isso não é verdade, aliás é muito falso», frisa Graça Campos, argumentando que, «na maioria das situações, a toxicidade é muito elevada».

Comparativamente com outros países, Portugal ainda tem poucos casos de interação registados, mas já tem bastantes rastreados.

«Nestes últimos tempos, conseguimos ajudar em cerca de cento e poucos casos», disse a docente de farmácia, avançando que o observatório vai ter disponível no site, em colaboração com o INFARMED, um boletim de notificações não só de potenciais interações, como de efeitos secundários que as pessoas considerem que possam ter ocorrido porque consumiram produtos naturais.

Este registo irá ajudar a ter «uma ideia mais concreta» dos casos que acontecem.

«Muitas das vezes não há registos porque as pessoas não relatam às autoridades de saúde» e os números acabam por não responder à realidade, defende.

[Artigo seguinte >](#)